

 <https://doi.org/10.23845/kgt.v15i2.729>

As mulheres na filosofia de Montesquieu [The women in the philosophy of Montesquieu]

Patrícia Carvalho Reis

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: patricia.carvalhoreis@hotmail.com

Resumo

Este artigo trata da questão das mulheres na filosofia de Montesquieu, especialmente, em duas de suas obras: “Cartas Persas” e “Do Espírito das Leis”. No romance “Cartas Persas”, alguns personagens de Montesquieu relatam a forma pela qual as mulheres vivem no serralho de Usbek assim como em outros lugares do mundo, como na Itália e na França. Além disso, nesse romance, há uma comparação entre a posição da mulher e a do homem na sociedade, e um questionamento sobre a legitimidade de tais posições. Na obra “Do Espírito das Leis”, Montesquieu trata do comportamento das mulheres nos diferentes tipos de regime.

Palavras-chave

Mulheres. Montesquieu. Cartas Persas. Regimes políticos.

Abstract

This article is about the question of women in the philosophy of Montesquieu, specially, in two of his works: "Persian Letters" and "The Spirit of Laws". In the novel "Persian Letters", some characters of Montesquieu report the way women live in the harem of Usbek as in other places of the world, as in Italy and France. Moreover, in this novel, there is a comparison between the position of woman and that of man in society, and a questioning about the legitimacy of such positions. In the book "The Spirit of the Laws", Montesquieu deals with the behavior of women in the different types of regime.

Keywords

Women. Montesquieu. Persian Letters. Political regimes.



INTRODUÇÃO:

O tema das mulheres está presente nos escritos mais importantes de Montesquieu. Na obra “Cartas Persas”, podemos observar descrições e análises críticas do papel das mulheres no Oriente assim como no Ocidente. No livro “Do Espírito das Leis”, Montesquieu trata da posição ocupada pelas mulheres nos diferentes regimes políticos. Esse interesse de Montesquieu por tratar da questão feminina chamou a atenção de alguns intérpretes. Thomas Pangle considera que, possivelmente, Montesquieu foi o filósofo político que mais se ateve ao papel da mulher em uma ordem política (PANGLE, 1973, p. 98). Como se sabe, outros filósofos políticos trataram do tema das mulheres em suas obras, sendo que alguns abordaram esse assunto de modo mais descritivo, e outros não se contentaram em apenas expor tal temática, mas se mostraram áduos defensores dos direitos femininos. Montesquieu não adotou esse segundo comportamento – diferentemente de Condorcet, por exemplo –, mas, independentemente disso, as ideias de Montesquieu sobre as mulheres merecem ser refletidas.

Antes de mergulharmos no tema das mulheres em Montesquieu, é importante salientar que o livro “Cartas Persas” foi publicado em 1721, quando Montesquieu tinha 32 anos. Por receio de sofrer perseguições, não publicou seu nome nesse livro, optando pelo anonimato. Desde o mencionado ano, esse romance teve sucesso notório na França, com várias edições elaboradas após sua publicação, confirmando a intuição de Péré Desmolet, amigo do autor, de que esse livro seria vendido como pão.¹

Essa obra apresenta personagens e uma trama fictícios, mas, ao mesmo tempo, Montesquieu mistura ficção com realidade em várias passagens desse romance, por exemplo, quando faz sátiras ao governo francês, à religião e a outros fatos que ocorreram no momento da escrita desse livro. Assim, consideramos que o romance “Cartas Persas” não é um livro de conteúdo banal, um passatempo com o único intuito de divertir aquele

¹ Essa informação está presente no Índice Cronológico (p. 11) das “Oeuvres Complètes” de Montesquieu, Éditions du Seuil, 1964. Seguindo ainda essa fonte, somente no ano de 1721, havia quatro edições diferentes e, ao menos, quatro edições clandestinas.



que o lê. Nessa obra, podemos verificar questões de cunho filosófico ao mesmo tempo em que desfrutamos de uma leitura agradável. Em decorrência disso, concordamos com Judith Shklar de que tal obra expõe temas de grande relevância para o pensamento político e que, por conseguinte, não deveria ser menosprezada:

Os primeiros críticos das Cartas Persas concentraram completamente na sua zombaria, o que fez dela um sucesso. Ler como uma comédia das maneiras parisienses e como uma caricatura da sociedade francesa faria que essa obra fosse vista como espirituosa, mas certamente Michelet estava certo quando ele disse que é superficial pensar as Cartas Persas como um romance ligeiro, leve. Os horrores do serralho, o despotismo em geral, os efeitos da religião em nossa conduta, a degeneração política, as relações entre os sexos, ciúme, suicídio, vaidade, ilusão e dúvida são os principais tópicos das cartas, e eles dão um gosto amargo para elas (SHKLAR, 1987, p. 32, tradução nossa).

A leitura das “Cartas Persas” nos permite compartilhar os sentimentos vivenciados por vários personagens. E, mais importante do que isso, essa obra nos incita a olhar com uma visão crítica tudo o que parece natural, ela nos motiva a nos colocar na posição dos viajantes e indagar o que parece ser inquestionável.

O romance “Cartas Persas” é escrito por meio de cartas entre Usbek, o senhor do harém; Rica, seu companheiro de viagem; eunucos; esposas de Usbek; amigos distantes e dervixes. Assim, não há apenas um narrador, mas várias pessoas que têm a oportunidade de exprimir suas ideias. Entretanto, as vozes principais desse romance são as de Usbek e Rica, pois, na maior parte das vezes, as cartas são sempre escritas ou dirigidas para um desses personagens.

Usbek possui seu harém em Ispham e, nesse lugar, há mulheres e eunucos ao seu dispor. Tendo em vista que Usbek segue apenas seus caprichos e trata seus eunucos e suas mulheres como escravos, podemos classificá-lo como um déspota no âmbito doméstico. Todavia, ao mesmo tempo em que é um déspota em relação aos seus eunucos e mulheres, Usbek também é uma pessoa interessada pelo saber e dotada de uma visão crítica das instituições governamentais de outros países e do seu próprio país.

É importante também destacar que Usbek, apesar de possuir seu harém e governá-lo de forma despótica, também é sujeito às ordens do governante de seu país. Em decorrência disso, observamos um comportamento diferente de Usbek em relação aos cortesãos e em relação aos seus eunucos e mulheres. O tratamento que Usbek dá aos cortesãos é gentil e sincero, uma vez que não há diferença hierárquica entre o primeiro e os últimos. Por sua vez, trata de forma autoritária, e muitas vezes sem respeito,



seus eunucos e mulheres. Como ressalta Usbek, esse seu comportamento marcado pela verdade e sinceridade direcionado aos cortesãos somente lhe trouxe inimigos e, como consequência, foi o motivo de retirar-se desse lugar. Diante disso, procurou o rei e com o argumento de que gostaria de se instruir nas ciências do Ocidente, conseguiu a permissão do monarca para viajar a esse hemisfério.

Jean Starobinski comenta que a necessidade de Usbek escapar da arbitrariedade é uma causa importante para sua viagem; porém, como salienta esse intérprete, o desejo de saber de Usbek é um motivo sério e não um simples pretexto (STAROBINSKI, 1989, p. 101). Essa motivação que o saber produz em Usbek parece ser semelhante ao apreço que Montesquieu tem pelo conhecimento e pela cultura de outros países, o que nos permite pensar, seguindo as ideias de Shklar, que Usbek é o *alter ego* de Montesquieu (SKHLAR, 1987, p. 32).

Entretanto, do mesmo modo que Shklar, também consideramos que Usbek representa muitos papéis além daquele de porta-voz do seu autor (SKHLAR, 1987, p. 33). Aliás, em alguns momentos – como naqueles em que Usbek exerce seu poder despótico – , as ideias do senhor do harém parecem ir de encontro às de Montesquieu. Como está evidente nas suas obras, Montesquieu combate os atos arbitrários dos governantes. Em outras palavras, condena a atuação de uma pessoa que exerce o poder de forma ilimitada. Devido a isso, percebemos que Montesquieu não apenas diverge, mas condena a forma pela qual Usbek atua.

Esse comportamento de Usbek nos permite ter uma visão do despotismo a partir de duas perspectivas: por meio das críticas de Usbek aos governos autoritários; e por meio da análise do poder absoluto do próprio Usbek no seu harém. Entretanto, é importante salientar que não é nosso objetivo analisar o regime despótico nesse nosso artigo. Como já mencionamos, refletiremos sobre o papel das mulheres na filosofia de Montesquieu.

Antes de tratar diretamente desse assunto, consideramos oportuno nos prolongar um pouco mais na descrição de Usbek e Rica, personagens centrais das “Cartas Persas”. Na viagem de Usbek e Rica ao Ocidente, eles passarão por vários países até chegarem ao destino final: a França. É interessante destacar o diferente temperamento desses dois viajantes. Usbek é melancólico, taciturno e até mal-humorado. Já Rica é alegre, tudo



parece o distrair; diferentemente de Usbek que tem muitas preocupações por ter deixado seu harém com eunucos e mulheres, Rica não deixou nada para trás.

Esses viajantes se interessam por tudo; tudo os impressiona e os faz refletir. Aliás, não poderia haver crítica melhor do que a de indivíduos que não estão acostumados com os costumes e as práticas de determinado lugar. Starobinski nos lembra que o espaço geográfico das Cartas Persas não comporta apenas as duas capitais: Paris e Isphan, mas também inclui as cidades onde residem os correspondentes informantes: Esmirna, Veneza, Moscou. Salienta-se ainda que notícias chegam também da Espanha, Suécia, Tartária e Inglaterra (STAROBINSKI, 2001, p. 99). Entretanto, podemos perceber o enfoque dado para o harém de Usbek e para a sociedade parisiense. No que diz respeito ao aspecto temporal, concordamos com Charles Dédéyan de que existe uma repartição tripartite nesse romance: a saída do serralho, a viagem à Europa e o retorno ao serralho (DÉDEYAN, 1998, p. 114).

DESENVOLVIMENTO

Um dos primeiros olhares – senão o primeiro – de Usbek a uma mulher europeia está descrito na Carta 23 desse romance. Usbek diz ao seu amigo Ibben que as mulheres da cidade de Livorno, na Itália, gozam de grande liberdade. Diferentemente das mulheres persas que usam quatro véus, aquelas usam apenas um. Além disso, as mulheres italianas podem vistas por seus cunhados, seus tios, seus sobrinhos sem que isso incomode os seus maridos (MONTESQUIEU, 2005, p. 41).

Na carta 26, o viajante persa fará novamente uma comparação entre as mulheres persas e as francesas. Nessa carta dirigida a Roxana, sua esposa preferida, Usbek diz o quanto sua correspondente e esposa é feliz por viver na Pérsia (MONTESQUIEU, 2005, p. 45).

Constatamos logo nessa primeira frase de Usbek o quanto ela é irracional. Usbek realmente acredita que suas mulheres são felizes na Pérsia. Ele não somente acredita, como nunca refletirá sobre a veracidade dessa afirmação. Nunca este viajante perguntará às mulheres o que elas realmente sentem. A resposta delas não lhe interessa. Na verdade, é somente no seu prazer que Usbek está interessado.



A busca pelo prazer que as mulheres lhe proporcionavam fez com que Usbek não se interessasse pelo sentimento de amor em suas relações a ponto de ele próprio reconhecer a frieza existente em seus relacionamentos:

Mas o que mais me aflige o coração são minhas mulheres: não posso pensar nelas sem me sentir tomado de aflição (...). Não é que eu as ame, Nessir: a este respeito me encontro numa tal insensibilidade que não resta espaço para os desejos. No serralho tão numeroso em que vivi, impedi que o amor aflorasse; sempre usei, para destruí-lo, os prazeres que ele mesmo proporciona; mas de minha própria frieza nasce um ciúme secreto, que me devora (MONTESQUIEU, 2005, p. 19).

Percebemos, assim, que Usbek não levava uma vida tranquila e essa situação parecia ter se agravado após sua viagem. A distância que Usbek estava de suas mulheres o deixava bastante inseguro, o ciúme o devorava. Ele temia perder a posse delas, não queria mudar a posição em que se encontrava. Apesar de não as amar, tinha um grande medo de perder o seu domínio.

No primeiro parágrafo da já mencionada carta 26, Usbek descreve o comportamento de Roxana no serralho que, por sua vez, coincide com o das demais mulheres desse local. Usbek diz que Roxana mora em um lugar “fora do alcance dos atentados dos humanos”, num lugar repleto de vigilância. Como ele acrescenta, nessa prisão em que é obrigada a viver, nenhum homem lhe dirigiu olhares lascivos; assim, o sogro dela, por exemplo, nunca viu a sua boca e quando ela passeava pelo campo, sempre havia eunucos para punir com morte quem a via e não fugia (MONTESQUIEU, 2005, p. 45).

Usbek relata que esses cuidados conferidos às suas esposas se juntavam com o comportamento puro de Roxana. Assim, Usbek, seu próprio esposo, sofreu com os castos escrúpulos dessa sua mulher (MONTESQUIEU, 2005, p. 45).

Por outro lado, Usbek diz que a educação das mulheres na França é totalmente diferente. Nesse país, as mulheres aparecem com o rosto descoberto; elas buscam os homens com o olhar; não têm o costume de serem servidas por eunucos. Em vez do pudor que reina entre as mulheres persas, as mulheres francesas não têm pudor algum (MONTESQUIEU, 2005, p. 46). Nessa mesma carta, Usbek diz que o motivo pelo qual ele enclausura as suas mulheres não é o receio da infidelidade, mas sim, por saber que a pureza nunca é excessiva, e que a menor mancha pode corrompê-la (MONTESQUIEU, 2005, p. 46).



Na carta 34, Usbek prossegue na sua descrição das mulheres persas. Ele retoma o diálogo sobre as mulheres com seu amigo Ibben. Destacamos a seguinte passagem dessa carta que nos parece bastante interessante:

O que torna o sangue tão belo na Pérsia é a vida regrada que as mulheres seguem: não jogam, não passam a noite em claro, não bebem vinho e quase nunca se expõem ao ar livre. Devemos confessar que o serralho é mais propício à saúde do que aos prazeres; a vida é uniforme, sem relevos; nele, tudo manifesta a subordinação e o dever; até os prazeres são graves, e as alegrias, severas, e quase nunca deixam de ser apreciados como marcas de autoridade e dependência (MONTESQUIEU, 2005, p. 54).

De acordo com esse trecho, percebemos o quanto Usbek aprecia a vida regrada das mulheres da Pérsia. Esses seres se comportam como objetos inanimados, sem emoções, sem momentos felizes. A vida lá é uniforme, não há mudanças, os atos são acompanhados de subordinação, de dependência. Nesse lugar, as alegrias são severas, ou seja, não há um momento alegre que não traga também a sensação de severidade, os prazeres são rígidos.

Zachi, na carta 3, fala com Usbek sobre os costumes das mulheres persas. Ela relata que as mulheres somente se apresentam para seu marido após terem esgotado toda a imaginação no tocante à melhor maneira de disporem dos enfeites e ornamentos. Elas têm uma preocupação excessiva em se mostrarem belas para seu esposo, possuem um grande ardor em agradar Usbek (MONTESQUIEU, 2005, p. 117).

Por sua vez, as mulheres francesas têm com os adornos e enfeites uma relação diferente. Céline Spector diz que as mulheres francesas portam esses adornos para agradar os olhares dos outros e, por sua vez, frequentar os salões; já as mulheres persas, em oposição, usam os enfeites para melhor conquistar o coração de um senhor que as tiraniza. Essa autora ainda diz que as mulheres persas não têm outra escapatória a não ser se subjugarem ao déspota. Já as mulheres francesas são livres para escolherem o seu caminho (SPECTOR, 1997, p. 16).

Na carta 47, é essa mesma esposa de Usbek, Zachi, que novamente descreve a situação da mulher persa. Ela relatará um episódio que ocorreu nas proximidades do serralho e que se baseia no seguinte: Zachi ofereceu uma festa à Zéphís, outra esposa de Usbek, para comemorar a reconciliação entre elas. Elas e outras várias convidadas, no dia posterior, partiram para o campo. Em decorrência disso, todas as precauções foram tomadas para que ninguém as visse e para que elas também não pudessem ver ninguém.



Assim, elas portavam véus e também um espesso pano. Não bastasse isso, quando elas foram em direção do barco, elas tiveram que se instalar em uma caixa, pois o rio estava com muitas pessoas. Pelo fato de estarem vendo tais mulheres, dois sujeitos ao redor foram mortos. Além disso, houve uma grande ventania, entretanto, as mulheres estavam presas e não podiam tentar se salvar, pois isso as desonraria.

Após o relato desse acontecimento, Zachi conclui o quanto são embaraçosas as viagens para as mulheres. Enquanto que os homens se expõem apenas aos perigos que lhes ameaçam a vida, as mulheres correm o risco de perder tanto a vida quanto a virtude (MONTESQUIEU, 2005, p. 69).

A carta 62 também dá destaque para a voz feminina, uma vez que é Zélis quem escreve para Usbek. Apesar de ser tratada como objeto, essa mulher descreve que a Natureza não infundiu desejos apenas nos homens, mas também nelas. Porém, estas devem ser os instrumentos da felicidade dos homens, e, por isso, elas não podem esperar que os homens se conduzam como elas, permitindo-as sentir a feliz condição em que elas os colocam (MONTESQUIEU, 2005, p. 93).

É oportuno também comentarmos a carta 96, escrita pelo primeiro eunuco a Usbek. O redator dessa carta parece conhecer muito bem os sentimentos das mulheres da Pérsia quando diz que a perturbação interna sentida por elas não afeta a tranquilidade externa que elas demonstram. O eunuco ainda relata que as grandes revoluções experimentadas pelas mulheres se ocultarão no fundo de seus corações; as tristezas serão engolidas e as alegrias contidas. Ademais, a obediência e a regra vão continuar presentes (MONTESQUIEU, 2005, p. 137). Sobre esse assunto, Spector diz haver uma antítese entre o que se passa no interior das mulheres e o que é representado, o que é demonstrado exteriormente (SPECTOR, 1997, p. 17).

Por sua vez, a carta 38, de Rica a Ibben, distancia-se das cartas mencionadas acima por ela não apenas descrever a situação da mulher de determinado país, mas por ela trazer reflexões sobre a legitimidade do papel que a mulher ocupa na sociedade. Questionamentos que dificilmente seriam pensados por Usbek, mas que nos parecem plausíveis de serem analisados por seu companheiro, Rica.² Segundo Rica, os asiáticos acreditam que a Natureza concedeu um domínio aos homens sobre as mulheres (MONTESQUIEU, 2005, p. 60). Porém, um amigo filósofo desse viajante persa lhe disse

² Como já mencionamos, diferentemente de Usbek, Rica não possuía mulheres nem eunucos.



que a Natureza jamais ditou uma lei nesses termos. O filósofo ainda argumenta que o império que os homens detêm sobre as mulheres é uma autêntica tirania, sendo que as mulheres só deixaram os homens adquiri-lo porque são mais doces do que estes, e, portanto, também mais humanas e racionais. Seguindo o pensamento desse filósofo, tais vantagens das mulheres demonstram o quanto elas são superiores aos homens. Entretanto, pelo fato de estes não serem razoáveis, as mulheres são tidas como inferiores (MONTESQUIEU, 2005, p. 60).

No final dessa carta, Rica afirma que, apesar de ser um choque para o seu costume, entre os povos mais civilizados, as mulheres sempre tiveram autoridade sobre seus maridos. O viajante relata ainda sua afeição pela França, onde as pessoas gostam de sustentar opiniões extravagantes e tudo reduzir a um paradoxo (MONTESQUIEU, 2005, p. 60).

Consideramos interessante ressaltar a afirmação de Shklar sobre a relação de Usbek e Zica com as mulheres. Segundo essa intérprete, a primeira vez em que esses viajantes persas conheceram as mulheres, de forma real, foi em Paris, uma vez que somente quando as pessoas estão em liberdade, livres do medo, podem conhecer um ao outro bem (SHKLAR, 1987, p. 42). Seguindo esse pensamento, Usbek não conhecia de forma verdadeira as mulheres do seu harém. O que ele enxergava não representava o que elas realmente eram ou sentiam. Elas se apresentavam da maneira como Usbek exigia, elas não podiam mostrar a personalidade que cada uma tinha, eram como objetos padronizados. Por sua vez, na França, as mulheres se comportavam sem fingimento, sem disfarce. Elas não tinham que seguir as regras de um senhor.

Na obra “Do Espírito das Leis”, Montesquieu também trata da questão feminina. Segundo ele, as mulheres têm pouco recato nas monarquias, uma vez que elas podem se beneficiar do espírito de liberdade. Além disso, de acordo com o filósofo de la Brède, nesses governos, as mulheres buscam o luxo (MONTESQUIEU, 1979, p. 104).

Por outro lado, nas repúblicas, as mulheres são livres pelas leis e prisioneiras pelos costumes e o luxo é banido delas. Percebe-se, assim, que em uma república, as mulheres não têm tanta liberdade uma vez que os costumes as prendem (MONTESQUIEU, 1979, p. 104).

Por fim, nos governos despóticos, as mulheres não têm vontade própria, por isso são consideradas escravas. Além disso, as mulheres do governo despótico não



introduzem o luxo, uma vez que elas mesmas são objetos de luxo (MONTESQUIEU, 1979, p. 104). Seguindo as ideias emitidas nas “Cartas Persas”, o filósofo francês diz que os príncipes dos governos despóticos, geralmente, têm várias mulheres, e a família reinante assemelha-se ao Estado, ou seja, ela é muito fraca ao passo que o seu chefe é muito forte (MONTESQUIEU, 1979, p. 73). Ademais, o iluminista diz que as mulheres do regime despótico geralmente são enclausuradas e não têm opinião a emitir (MONTESQUIEU, 1979, p. 269). Diante da posição da mulher nesse regime, percebe-se que não há leis civis sobre seus direitos. Já que esses seres não têm vontade própria, não podem responder por suas condutas perante um juiz. Assim, as condutas das mulheres são decididas pelas vontades da figura masculina mais próxima delas, como a vontade do pai, do marido, do senhor (MONTESQUIEU, 1979, p. 82).

CONCLUSÃO

Após demonstrarmos essas ideias de Montesquieu sobre as mulheres, percebemos que esse filósofo refletiu sobre a questão feminina tanto no romance “Cartas Persas” quanto na obra “Do Espírito das Leis” e, pelo o podemos concluir, Montesquieu parecia não concordar com a posição de subalternidade com a qual elas se encontravam em relação aos homens. Nesse aspecto, Usbek não parece ser o *alter ego* de Montesquieu. Quem parece assumir essa posição é o amigo de Rica, um tal filósofo mencionado acima.



REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Montesquieu a Política e a História*. Tradução de Luz Cary e Luisa Costa, 2 ed. Lisboa: Editorial Presença Portugal, 1977.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 1.ed São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BINOCHE, Bertrand. *Introduction à De l'esprit de lois de Montesquieu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

_____. *Despotisme*. Dictionnaire électronique Montesquieu, 2008. Disponível em: <http://dictionnaire-montesquieu.ens-lsh.fr/index.php?id=395> . Acesso em: 14/08/2008.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. 2v.

REIS, Patrícia Carvalho. As mulheres na filosofia de Montesquieu. p. 1-13.

- BORGES, Jorge Luis. *Sete Noites*. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda., 1983.
- CHEVALLIER, Jean-Jacques. *História do pensamento político* Tomo 2. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.
- CÍCERO. *Da República*. Rio de Janeiro: Athena Editora, [195-?], v. 10.
- DÉDÉYAN, Charles. *Montesquieu ou l'alibi persan*. Paris: Sedes, 1988.
- DEDIEU, Joseph. As idéias políticas e morais de Montesquieu. In: QUIRINO, Célia Galvão; SOUZA, Maria Tereza Sadek R. de. *O pensamento político clássico: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, v.2, capítulo 13, p.249-289.
- DESPOTIQUE, DESPOTIQUEMENT. In: *Le Dictionnaire de l'Académie Française*. Paris, 1694, p. 321.
- DURANT, Will; DURANT, Ariel. Voltaire. *A História da Civilização IX: A Era de Voltaire*. Rio de Janeiro: Record. Copyright 1965.
- DURKHEIM, Emile. Como Montesquieu classifica as sociedades por tipos e por espécies. In: QUIRINO, Célia Galvão; SOUZA, Maria Tereza Sadek R. de. *O pensamento político clássico: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, v.2, capítulo 12, p. 237-248.
- EHRARD, Jean. *Politique de Montesquieu*. Paris: Armand Colin, 1965.
- GOYARD-FABRE, Simone. *Montesquieu: la Nature, les Lois, la Liberté*. Paris: Presses Universitaire de France, 1993.
- GOLDZINK, Jean. *Montesquieu et les passions*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- GROETHYSEN, Bernard. Montesquieu- a razão construtiva. In: QUIRINO, Célia Galvão; SOUZA, Maria Tereza Sadek R. de. *O pensamento político clássico: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, v.2, capítulo 14, p. 291-304.
- GROSRICHARD, Alain. *Estrutura do Harém: Despotismo Asiático no Ocidente Clássico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- HERMAN, Jacques. *Guia de História Universal*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- KAISER, Thomas. The Evil Empire? The Debate on Turkish Despotism in Eighteenth-Century French Political Culture. *The Journal of Modern History*, Chicago, vol. 72, n. 1, p. 6-34, Mar., 2000. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3079534>>. Acesso em: 24/03/2009.



KINGSTON, Rebecca E. *Tolérance*. Dictionnaire électronique Montesquieu, 2008. Disponível em: <http://dictionnaire-montesquieu.ens-lsh.fr/index.php?id=395>. Acesso em: 14/08/2008.

KOEBNER, R. Vicissitudes of a Political Term. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 14, n. 3/4, p. 275-302, 1951. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/750343>>. Acesso em: 12/03/2009.

LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da Servidão Voluntária*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Paulicéia, 1991.

MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Tradução de Fernando Henrique Cardoso e Leôncio Martins Rodrigues. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MONTESQUIEU. *Oeuvres Complètes*. Paris: Seuil, 1964.

PANGLE, Thomas. *Montesquieu's Philosophy of Liberalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

PLATÃO. *Diálogos: O Banquete- Fédon- Sofista- Político*. 3ª Edição. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1983.

_____. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do contrato social*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, Antônio Carlos dos. O conceito de despotismo em Montesquieu. *Kriterion*, Belo Horizonte, n 99, Jun/99, p.38-53.

_____. *A política negada: poder e corrupção em Montesquieu*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

_____. *A via de mão dupla: tolerância e política em Montesquieu*. Ijuí: Editora Unijuí; Sergipe: EDUFS, 2006.

SÉE, Henri. *L'Evolution de La Pensée Politique en France au XVIII Siècle*. Genève, Paris: Slatkine, 1982.

SHKLAR, Judith N. *Montesquieu*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

SKINNER, Q. Meaning and Understanding in the History of Ideas. In: _____. *Visions of Politics*, vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SPECTOR, Celine. *Montesquieu Les "Lettres Persanes": De L'Anthropologie a la Politique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

STAROBINSKI, Jean. *Montesquieu*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1990.

REIS, Patrícia Carvalho. As mulheres na filosofia de Montesquieu. p. 1-13.



_____. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VERNIÈRE, Paul. Dois planos e duas leituras. *In*: QUIRINO, Célia Galvão; SOUZA, Maria Tereza Sadek R. de. *O pensamento político clássico*: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, v.2, capítulo 15, p. 305-350.



REIS, Patrícia Carvalho. As mulheres na filosofia de Montesquieu.. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.15, N.2, 2018, p. 1-13.

Recebido: 04/02/2018

Aprovado: 24/04/2018

